

EUA podem ser maiores devedores do mundo

Washington — O clube dos países endividados poderá receber um sócio insólito: Os Estados Unidos. Com crescentes déficits fiscais e comerciais, e uma parte importante de investimentos estrangeiros colocada a curto prazo, o país corre o risco de se transformar em devedor pela primeira vez desde 1917.

“A economia dos Estados Unidos é refém dos investimentos estrangeiros, que ajudam a financiar nossas necessidades de crédito e a situação poderia chegar a proporções críticas”, advertiu Paul Volcker, presidente do Federal Reserve, o Banco Central norte-americano. “A maior e mais rica economia do mundo está a ponto de se transformar em devedora internacional, e logo poderia ser a maior devedora do mundo”.

Tal situação deriva do déficit fiscal estimado em 180 bilhões de dólares e de um déficit em conta corrente que chegará a 100 bilhões este ano. A demanda de financiamento do governo pressiona o mercado e mantém as altas taxas de juros que atraem os investidores estrangeiros. Enquanto isso, a força do dólar dimi-

nui a competitividade dos exportadores norte-americanos num mercado mundial que ainda convalesce da mais grave recessão dos últimos 50 anos.

“Os investidores estrangeiros não vão decidir todos juntos a retirada de seus capitais, mas somos vulneráveis a uma mudança que possa alterar o valor do dólar com maior rapidez do que qualquer um de nós poderia desejar”, disse Volcker.

É difícil que neste ano eleitoral surjam soluções radicais para o problema do déficit fiscal. O Congresso quer que o presidente Ronald Reagan aumente os impostos e reduza os gastos militares. Reagan devolve a bola, dizendo que o Congresso é responsável pelo déficit, devido aos gastos excessivos com os programas sociais.

Volcker recomenda reduções de 50 bilhões de dólares em cada um dos próximos três anos, mas Reagan negocia com o Congresso cortes de 30 bilhões, considerados insuficientes pelo presidente do Banco Central.

O déficit em conta corrente cresceu excepcionalmente nos últimos

anos, depois de um superávit de 5 bilhões de dólares em 1981. No ano seguinte, o déficit comercial foi de 11 bilhões de dólares, em 1983 chegou a 69,4 bilhões e este ano o secretário do Comércio Malcolm Baldrige calcula que atingirá a casa dos 100 bilhões de dólares.

A brecha vem sendo preenchida com capitais estrangeiros, mas estes investidores preferem aplicar em operações a curto prazo. Segundo o Departamento do Comércio, 59,9 partes quase idênticas correspondiam a inverseos diretas e a letras de companhias a longo prazo, a investimentos em letras do governo e empréstimos a curto prazo.

Mas a participação destes últimos — que são os que podem abandonar o país a qualquer hora — chegou a 53 por cento dos 80,7 bilhões de dólares de origem estrangeira em 1981 e a 69 por cento dos 87,9 bilhões de 1982.

A revista **Newsweek** calculou que, em 1983, os investimentos estrangeiros caíram para 66 bilhões de dólares e a porção correspondente aos empréstimos a curto prazo reduziu-se a 53 por cento.